DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

Entretantos, 2014

Grupo: **PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE**

Integrantes: Ana Lúcia Panachão, Ana Maria Leal, Cleide Monteiro, Cristina Bergantini, Denise Maria C. Cardellini, Debora Felgueiras, Elcio Gonçalves, Francisca Litz, Lilian Fogaça, Leilyane Oliveira Araújo, Márcia Ramos, Maria Castanheira, Mania Deweik, Mário Fuks, Maria Helena Caffé, Pedro Mascarenhas, Roberta Kehdy, Silvia M. Gonçalves e Silvia Inglese Ribes.

Interlocutor: Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

"PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA GRUPAL"

Apresentador: **ELCIO GONÇALVES DE OLIVEIRA FILHO**

O Grupo de Trabalho e Pesquisa 'Psicanálise e Contemporaneidade' foi criado em 2001, como um espaço de reflexão paralelo ao curso: 'Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea'.

Visando discriminar a singularidade da psicanálise e os impasses por que somos atravessados pelos discursos contemporâneos, inclusive no interior da mesma, o grupo adota, como eixo de suas reflexões a leitura de textos, bem como o debate sobre os fatos da atualidade e suas produções culturais, para o que estabelece um diálogo constante com outras áreas do saber tais como: a filosofia, a medicina, a sociologia, a mídia e a história.

Com o objetivo de ampliar o diálogo, em alguns momentos já pudemos contar, em encontros internos, com a participação de convidados; e buscando ampliar as possibilidades de interlocução e de intervenção junto a um público mais amplo realizamos em 2006, em parceria com o SESC/SP, o ciclo de debates "O Mal Estar no Cotidiano" desdobrado em dois encontros: "A Violência Nossa de Cada Dia" e "Violência e Desamparo na Cidade".

Em 2010 realizamos com Marcelo Viñar o evento "Herança e Transmissão: Trauma e

SEDES SAPIENTIAE
Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

Narrativa nos Espelhos da Cultura" [i]. No qual em sua conferência sobre "Exclusão Social e Psicanálise" ele afirmava que:
"*tornar-se humano*" como sabemos "*requer a construção de um auto-retrato e de uma pequena novela sobre si mesmo*" o que só pode acontecer quando "*somos alguém para alguém*" e "*quando contamos com o espelho de outros*" "*... outros múltiplos, que nos reconheçam e com os quais possamos nos constituir numa intimidade amistosa e capaz de desfrutar de um Ideal ou de uma tarefa compartilhada*".

Também com este propósito constituímo-nos atualmente num grupo de vinte e um participantes com interesses diversos, em diferentes etapas de formação, com experiências e referenciais teóricos e teórico-clínicos múltiplos e em arranjos singulares, implicados com a psicanálise e sua ética, envolvidos com diferentes áreas de atuação no coletivo da cidade e em alguns casos fora dela.

Nossos encontros de uma hora e meia são mensais. O grupo é autônomo, autogerido e não pago. Sua coordenação é horizontal e circular, e temos um interlocutor responsável pelos contatos com o Conselho de Direção.

Neste ponto e a propósito de nosso argumento para este encontro - "*a elaboração das vicissitudes típicas à contemporaneidade que a todos atravessa*" - nos parece oportuno compartilhar da formulação de duas questões: a primeira em relação à "*alta velocidade dos acontecimentos e a falta de tempo para seu processamento*" e a segunda sobre a "*horizontalidade e a circulação da coordenação grupal*".

Deparamo-nos na contemporaneidade com a fragilização dos laços, entre o individuo e o meio, além da fragilização das próprias balizas que possibilitam as tomadas de decisão frente às situações com as quais nos defrontamos cotidianamente.

Atravessados pelas produções da contemporaneidade temos nos perguntado sobre como encontrar e manter estáveis as balizas, que respaldadas pela ética, nos auxiliem na solução das tensões entre - *o efêmero e o acidental*, típicos ao *sujeito*

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

contemporâneo, versus *o eterno e o essencial* característico(s) dos *sujeitos da modernidade*? [ii]

Como constituir, desfrutar e manter uma intimidade grupal *amistosa* e *inclusiva*, em meio à diversidade, à complexidade e à multiplicidade, sem cair facilmente nas armadilhas da perpetuação da *intolerância frente à diferença*?

Nossa malha de sustentação tem sido tecida através da leitura de inúmeros textos, de diferentes autores, sempre associados a um tema, assunto ou questão emergente no grupo, seja pela via da livre associação, seja para tentar compreender algum fenômeno específico e conflituoso do momento.

Nos últimos três anos, mobilizados originalmente por um número expressivo e simultâneo de solicitações de ingresso criamos dois subgrupos: o primeiro, proposto por Cleide Monteiro, e composto por cinco colegas, que vem se dedicando, há dois anos, aos estudos da Crença. E o segundo, ainda em gestação, proposto por Débora Felgueiras, e composto por quatro colegas, com foco no desenvolvimento de um Projeto de Atendimento Clínico Grupal voltado às Patologias do Trabalho.

Em 2011 retomando as vertentes da pesquisa original sobre violência, trauma e narrativa, o grupo trabalhou com as idéias de Marcio Seligmann-Silva (*Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*) [iii] e Paulo Endo (*A violência infinita: entre o silêncio do corpo e o corpo das palavras – Diálogos entre S. Freud e Giorgio Agamben*) [iv]; e instigado pela intrincada relação entre política e psicanálise, se deteve numa leitura mais aprofundada das proposições de Giorgio Agamben [*Homo Saccer* (Vol. I 2002) [v]].

Após meses de investimento concluímos que nossa base filosófica e sobre o Direito se mostrava insuficiente para prosseguir, posto que sem as leituras mínimas de Focault e Hanna Arendt, dos quais o autor se serve com muita freqüência na construção de seus argumentos, teríamos muita dificuldade em alcançar, satisfatoriamente, a profundidade das idéias e conceitos a que nos propúnhamos.

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

Cansados face às dificuldades impostas pela leitura, e divididos quanto a prosseguir ou não com ela, perguntávamo-nos sobre como e por onde seguir? A diversidade e a multiplicidade dos interesses individuais entraram em conflito, com as do coletivo, e incapazes de contemplar satisfatoriamente a todos arcamos com algumas baixas no grupo.

A falta de um projeto de pesquisa com contorno bem definido trouxe de volta antigas questões: “O que somos?” e “Para onde vamos”? Não pela primeira vez. Esta é uma questão que nos ocupa e que geralmente retorna na “dobradiça entre os anos”.

Somos um grupo de pesquisa e estudos sobre psicanálise e contemporaneidade, o que requer que a modulação da trama seja abrangente e aberta; por um lado mantida pelo fio de leituras de autores que nos auxiliem na compreensão de algum fenômeno específico ao longo do tempo, o que nos exige por outro que nos mantenhamos com olhos e ouvidos atentos aos movimentos, individuais e coletivos, cada vez mais velozes, do mundo.

Simultaneamente a estes *pontos instáveis* e de *fixação tênue*, arcamos também nos últimos anos com os impactos negativos de uma movimentação excessiva no grupo entre ingressos e saídas, o que por vezes ocorria numa velocidade tamanha que mal tínhamos tempo de fixar o nome dos novos membros.

Excessos e velocidades que nos levaram a por em questão os critérios de ingresso, ao mesmo tempo em que definíamos a nova rota de pesquisa e de estudos a ser percorrida. Assim decidimos pelo ingresso mais cuidadoso, com uma análise mais criteriosa do material dos solicitantes cuidando, simultaneamente, do grupo e dos ingressantes.

Vale dizer que o estabelecimento e/ou reestabelecimento dos acordos mínimos para a manutenção do grupo tais como: o número de participantes; os horários de funcionamento; as regras, critérios e momentos de ingresso e de permanência; a

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

criação e/ou limites de autonomia dos subgrupos em relação ao grupo; o uso regular da internet; a relação espaço-tempo reduzida para o aprofundamento das discussões dos textos; a escolha de autores e temas; o ingresso e a participação de "não psicanalistas" no grupo; a abolição ou a manutenção das sínteses; a participação na mídia, bem como a circulação da coordenação, ainda hoje nos mobiliza.

De algum modo a horizontalidade e a circulação de papeis, nesses momentos, se sustentam mais como um Ideal a ser mantido em torno do eixo do projeto comum, para o que contamos com o aporte da experiência acumulada entre os representantes das diferentes gerações, e principalmente dos historicamente mais estabelecidos no Departamento, mas como é de se esperar, nem sempre usufruindo, como nos propôs Viñar em sua conferência de uma *intimidade* exatamente *amistosa*.

Esforçando-nos para encontrar uma nova rota a ser seguida no campo da pesquisa, e com um novo contrato estabelecido quanto aos ingressos e parte das regras de circulação horizontal da coordenação do grupo, retomamos a leitura de textos que nos auxiliassem a encontrar algo mais sobre o *Mal Estar*, para o que foi sugerida a leitura de autores cuja gênese da metapsicologia não se restringisse, exclusivamente, à teoria das pulsões e à fundação da Cultura girando em torno do mito do pai totêmico.

Perscrutando outras propostas sobre as "*gêneses dos processos de subjetivação*" como alternativa ao *Mal Estar*, o grupo invocou a leitura de Jurandir Freire Costa [vi] (*O Risco de Cada Um*), a partir do qual após a leitura e a elaboração do ensaio "*Criatividade, Transgressão e Ética*" recolocou-se em questão: a ética e a transcendência dos próprios atos de criação.

Leitura propícia, mas não o suficiente para aquele momento do grupo, enveredamos por uma nova conflitiva, capaz de gerar outros desmembramentos e contraposições, dentre as quais as que dizem respeito aos fundamentos teóricos, à queda da transcendência e suas implicações sobre o sujeito contemporâneo.

Simultaneamente a este momento trabalhoso o grupo foi convidado a participar, com a apresentação de um caso clínico, do evento realizado, pelo Departamento, em torno do psicanalista Heitor D Macedo, cuja proposta foi *centrar-se sobre a clínica do real do trauma, e* cujos autores de referência mantinham um diálogo fecundo com os textos aos quais havíamos nos dedicado naquele período.

Enquanto alguns membros investiram na aproximação dos conceitos, fundamentos e referenciais propostos, outros se retiraram; e entre novos ingressos e partidas seguimos pela via dos estudos sobre os significantes: *alienação*, *sujeito psíquico* e *submissão*.

Com Eugène Enriquez (*O Homem do Século XXI: Sujeito autônomo ou indivíduo descartável*, 2006) [vii] vimos reavivada a máxima da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e da Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948) a partir da qual: "*o homem é reconhecido, na sua eminente dignidade, como 'tendo direito a ter direitos'*"; ao que o autor acrescenta que "... e *sendo capaz de identificar seus problemas, o homem é também capaz de pensar novos projetos, construir novas instituições, transgredir as regras que não valem nada e guardar aquelas que valem algo, retomando o que haviam esquecido; fazer experimentação social e, talvez, um dia formar um novo paradigma social e humano, que implicaria 'ter maior consideração pelo outro'*".

Com esta leitura e a partir de suas evocações "*uma fagulha se reacendeu*" entre nós, nos remetendo aos textos "*Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho*" [Dejours, C. (2009)] a partir do qual, reunindo uma vez mais a psicanálise ao social, resgatamos alguns textos históricos de Hélio Pellegrino [*Pacto Edípico e Pacto Social* (1983) e *Os Incêndios do Nada* (1988)].

Dessa conjunção retornamos a Dejours, e com vistas a empreender um Trabalho Vivo no grupo passamos à leitura dos textos [*Trabalho vivo: sexualidade e trabalho*

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

(2012)] e [*Trabalho vivo: trabalho e emancipação* (2012)] os quais reunidos ao início da leitura de "*A Banalização da injustiça social* (2007)" nos levou a eleger e definir no último biênio "o trabalho" como objeto principal.

Paradoxalmente e na medida em que nos aprofundamos sobre o tema do trabalho, o D*ispositivo "Síntese"*- registro de elaboração e da história grupal - bem como Organizador da nossa *coordenação circular* tornou-se opcional.

Os tempos mudaram e com eles os acordos anteriormente estabelecidos.

Os coordenadores do grupo não são mais os responsáveis pelas sínteses e o grupo mantém-se na proposta de uma *coordenação horizontal e circular*.

Por hora nada sabemos sobre a necessidade ou não de um novo Dispositivo que mantenha nossa ordenação.

Se a pós-modernidade produziu nos processos de subjetivação uma fratura dissolutiva das grandes ideologias, a contemporaneidade parece nos ter levado a avançar, pela via democrática e neoliberal, ao desenvolvimento progressivo: do *individualismo*, da *diminuição do papel do Estado*, da *supremacia das leis de mercado*, da *massificação dos modos de vida*, do *exibicionismo sem limites*, e da *instantaneidade das informações*, que reunidos aos *ilimitados progressos da ciência*, acabaram por constituir-se sintomaticamente em nossos novos *Desafios*. [viii]

A contemporaneidade nos introduziu num mundo frágil e errático, cujas mutações constantes geram valores instantâneos e com direitos que perduram até segunda ordem. O tempo vigora solto ou como uma sequência arbitrária de momentos presentes: sem transcendência, preocupação com o futuro ou obrigações de longo prazo.

Se o Outro enquanto Terceiro Organizador não mais nos sustenta, como em outros tempos, o que pensar sobre os destinos e vicissitudes produzidos pela tensão

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

permanente entre *as diferenças* e *os diferentes*, e o *efêmero e acidental* versus *o eterno e essencial*?
O neoliberalismo criou e realimenta os *Ideais de consumo* à exaustão, e em *alta velocidade*, o que acaba por tornar mercadoria o próprio *sujeito-consumidor* que engendra e perpetua.

Atravessados que somos todos pelas vicissitudes da contemporaneidade: como *resistir às tentações auto-referentes* dos *pactos narcísicos*, ali onde *a fratura e as fissuras*, entre *o moderno e o contemporâneo* além de nos fazer lembrar que o Grande Outro não existe torna-nos, e cada vez mais, tributários de *Ideais Impermanentes*, *excessivamente plásticos* e por vezes *pouco compromissados entre o passado e o futuro*, algo *típico à simultaneidade de um suposto e interminável presente*?

Estas parecem ser e também entre nós hoje, parte das questões a serem elucidadas na contemporaneidade.

Grupo Psicanálise e Contemporaneidade (redação de Elcio Gonçalves com revisão e comentários de: Cleide Monteiro, Denise Cardellini, Mario Fuks, Mania Dewick, Pedro Mascarenhas, Roberta Kehdy e Silvia M Gonçalves).

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

Referências bibliográficas:

[i] Viñar, M. (2010). Evento "Herança e Transmissão: Trauma e Narrativa nos Espelhos da Cultura". Conferência: *Exclusão Social e Psicanálise*.

[ii] Cavalcante, C M B. A constituição da subjetividade na pós-modernidade. Texto apresentado no Congresso Brasileiro de Direito e Psicanálise "A lei em tempos sombrios", no dia 30/05/2008.

[iii] Seligmann-Silva, M. Narrar o Trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol. 20, N.1, p. tr – 82,2008.

[iv] Endo, P. A Violência Infinita: entre o silêncio do corpo e o corpo das palavras – Diálogos entre Sigmund Freud e Giorgio Agamben. Curso proferido na XV Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica: As Múltiplas Faces da Destrutividade, em 28 de agosto de 2009.

[v] Agamben, G. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I / Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

[vi] Costa, J F. O Risco de Cada Um: e outros ensaios de psicanálise e cultura. RJ: Garamond, 2007.

[vii] Enriquez, E. O homem do século XXI: Sujeito autônomo ou indivíduo descartável. RAE – eletrônica, v. 5, n. 1, Art. 10, jan./jun. 2006. ISSN 1676-5648. 2006, Revista Réfractions. FGV.

[viii] A lei em tempos sombrios / editor, José Nazar. – Rio de Janeiro : Cia. De Freud; Vitória, ES: ELPV, 2009. Palestras apresentadas no do I Congresso nacional de Direito e Psicanálise : A lei em tempos sombrios. ISBN 978-85-7724-068-5

SEDES SAPIENTIAE

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP